



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**MILLA CALIXTO DE ANDRADE**

**“SE NÃO FOSSE FILHA DELES SERÁ QUE A PENA CHEGARIA A TANTO?”:  
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS RACISTAS EM PERFIS DO *INSTAGRAM*  
SOBRE O CASO DA FILHA DE GIOVANNA EWBANK E BRUNO GAGLIASSO**

**PATU-RN  
2025**

**MILLA CALIXTO DE ANDRADE**

**“SE NÃO FOSSE FILHA DELES SERÁ QUE A PENA CHEGARIA A TANTO?”:  
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS RACISTAS EM PERFIS DO *INSTAGRAM*  
SOBRE O CASO DA FILHA DE GIOVANNA EWBANK E BRUNO GAGLIASSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte - UERN como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Letras-  
Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Almeida  
Inhoti.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A553s    Andrade, Milla Calixto de

"Se não fosse filha deles será que a pena chegaria a tanto?": uma análise de comentários racistas em perfis do instagram sobre o caso da filha de giovanna ewbank e bruno gagliasso. / Milla Calixto de Andrade. - Patu/RN, 2025.

22p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

**MILLA CALIXTO DE ANDRADE**

**“SE NÃO FOSSE FILHA DELES SERÁ QUE A PENA CHEGARIA A TANTO?”:  
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM* SOBRE O CASO DA FILHA  
DE GIOVANNA EWBANK E BRUNO GAGLIASSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte - UERN como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Letras-  
Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: 25/11/2025.

Banca examinadora



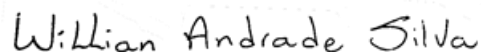
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Almeida Inhoti - Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Fernandes Nery - Examinadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof. Me. Willian Andrade Silva - Examinador  
Escola Municipal Raimundo Nonato da Silva

# “SE NÃO FOSSE FILHA DELES SERÁ QUE A PENA CHEGARIA A TANTO?”: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO INSTAGRAM SOBRE O CASO DA FILHA DE GIOVANNA EWBANK E BRUNO GAGLIASSO

Milla Calixto de Andrade<sup>1</sup>

Aline Almeida Inhoti<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o modo como a linguagem, a partir dos comentários presentes nos *posts* do *Instagram* direcionados à filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, manifesta o racismo e o discurso de ódio. Assim, a escolha desta pesquisa se deu a partir das análises e interpretações presentes nos discursos midiáticos, sendo interações que manifestam a (re)produção de estereótipos com práticas sustentadas no racismo estrutural. A partir disso, temos como objetivos específicos: são: a) identificar, por meio da linguagem, mecanismos de reprodução da branquitude em comentários direcionados a Titi; b) compreender quais são as principais interseccionalidades presentes nos comentários dos posts da rede social Instagram; e c) analisar se os comentários dos posts na plataforma Instagram, da temática em análise, refletem ou confrontam a branquitude. A pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativista. O *corpus* é na análise de sete comentários em seis *posts* das páginas: @bandnews, @purepeoplebrasil, @midianinja, @poderespretos, @gioewbank e @brunogagliasso. Como suporte teórico, nos baseamos em autores como Moita Lopes com estudos da Linguística Aplicada, Nascimento (2019) com racismo linguístico, Butler (2021) com discurso de ódio e Trindade (2025) com discurso de ódio nas redes sociais, Bento (2022) com discursos meritocráticos e Schucman (2023) com a branquitude. Esta análise permitiu compreender como a linguagem revela a centralidade das interseccionalidades das ações que manifestam a perpetuação do racismo, que através do *Instagram*, desnuda tais conjunturas sociais brasileiras de opressão, disseminação em discursos de ódio, branquitude como referência normativa, classe social e resistência.

**Palavras-chave:** Racismo; Discurso de ódio; Branquitude; Interseccionalidades; *Instagram*.

## ABSTRACT

This research has as general objective to investigate how language, through comments on Instagram posts directed at Giovanna Ewbank and Bruno Gagliasso's daughter, manifests racism and hate speech. Thus, this research was chosen based on analyses and interpretations present in the media discourses, which are interactions that manifest the (re)production of stereotypes with practices sustained by structural racism. From this, our specific objectives are: a) to identify, through language, mechanisms of reproduction of whiteness in comments directed at Titi; b) to understand what are the main intersectionalities present in the comments

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail:

<sup>2</sup> Doutora em Letras, linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem (UEM). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade do Estadual de Maringá. Graduanda em Letras Português/Inglês-Licenciatura Plena na mesma instituição. E-mail: alineinhoti@alu.uern.br.

on posts of the social network Instagram; and c) to analyze whether the comments on Instagram posts, about the topic under discussion, reflect or confront whiteness. This research is qualitative and interpretative in nature. The *corpus* consists of an analysis of seven comments on six posts from the pages: @bandnews, @purepeoplebrasil, @midianinja, @poderespretos, @gioewbank, and @brunogagliasso. For theoretical support, we relied on authors such as Moita Lopes with studies in Applied Linguistics; Nascimento (2019) on linguistic racism; Butler (2021) on hate speech; Trindade (2025) on hate speech in the social media; Bento (2022) on meritocratic discourses; and Schucman (2023) that approaches whiteness theme. This analysis allowed us to understand how language reveals the centrality of the intersectionalities of actions that manifest the perpetuation of racism, which, through Instagram, exposes such Brazilian social conjunctures of oppression, dissemination in hate speech, whiteness as a normative reference, social class, and resistance.

**Keywords:** racism; hate speech; whiteness; intersectionalities; Instagram.

## 1 INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil configura-se como uma realidade cotidiana sustentada por um sistema de ideologias e de opressão mantido por pessoas que se apropriam da ideia de superioridade racial. Esses grupos contribuem para a marginalização da população negra, com o intuito de estabelecer, na sociedade, uma hierarquização racial por meio de práticas que se perpetuam desde a formação social do país, sendo legitimadas e reforçadas pela hegemonia da raça branca. Nas redes sociais, essas manifestações racistas se ampliam de maneira expressiva ao potencializar e gerar engajamento para os discursos de ódio. O caso da filha dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso é um exemplo que mostra como a linguagem pode ser mobilizada para reforçar estigmas e práticas excludentes, tornando imediata a análise crítica que manifeste essas tensões históricas ainda presentes na sociedade brasileira.

Em 2017, a filha dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, Chissomo (Tití), adotada no Malawi, foi alvo de ofensas racistas feitas por Dayane Alcântara Couto de Andrade, conhecida como Day Mc Carthy<sup>3</sup>. A denúncia foi registrada apenas em 2021 e, em agosto de 2024, a Justiça condenou Mc Carthy a oito anos e nove meses de prisão em regime fechado pelos crimes de injúria racial e racismo<sup>4</sup>, após ela divulgar um vídeo com insultos racistas contra a criança e questionar sua filiação ao casal por ser negra e ter pais brancos.

A partir deste acontecimento, podemos observar o uso da linguagem que promove discursos a fim de hostilizar a dignidade do indivíduo com base na sua raça. O caso ocorreu fora das mídias digitais, mas a repercussão na plataforma do *Instagram* atingiu um público global. Sabemos que a sociedade contemporânea é adepta a esse poderoso instrumento de comunicação virtual e social, que reúne um público heterogêneo; por isso, nem sempre é possível deparar-se com comentários afetivos e acolhedores que apoiem a punição de quem

---

<sup>3</sup> Acessar link: <https://www.instagram.com/p/C3GiDP4pGij/?igsh=MjFnbXhlZmsxY2pk>.

<sup>4</sup> De acordo com a Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989, a injúria racial é compreendida como uma ofensa cometida contra alguém com base em sua raça, cor, etnia ou origem nacional. Em outras palavras, trata-se de qualquer manifestação verbal ou gestual dirigida a indivíduos ou grupos minoritários que provoque constrangimento, humilhação, medo, vergonha ou exposição pública indevida, atitudes que provavelmente não seriam direcionadas a outros grupos, justamente por conta da diferença racial, étnica, religiosa ou de procedência. Já o racismo se difere da injúria racial, uma vez que, como está previsto na Lei n. 7.716/1989, ele afeta um grupo amplo e indefinido de pessoas, promovendo discriminação contra toda uma raça. Diferente da injúria racial, o crime de racismo não permite o pagamento de fiança e não prescreve com o tempo, ou seja, pode ser punido a qualquer momento.

prolifera ataques racistas. Sendo assim, é possível refletir sobre como a linguagem exerce poder e influências no que diz respeito às práticas racistas através dos discursos de ódio ocorridos na mídia virtual.

Nesse viés, a rede social *Instagram* se torna um meio de comunicação em tempo real. Ela é um veículo de interesse mútuo, que se potencializa por demonstrar engajamentos que promovem interações sociais. Contudo, os usuários dessa rede social filtram e selecionam apenas a parte que o outro deve ter acesso, criando assim, uma narrativa visual em uma versão virtual, mostrando apenas recortes de uma vida que possivelmente não descreve a representação fiel do que seria a integridade de uma realidade cotidiana. Logo, é importante frisar que o mais frequente tem sido a (re)produção de comentários racistas por parte dos usuários que perpetuam o racismo através de práticas com teor ofensivo, com o intuito de menosprezar e marginalizar o sujeito negro através do discurso de ódio. Assim, o espaço midiático se preenche com sujeitos que têm suas próprias marcas discursivas, que tanto podem interagir ou problematizar acerca do racismo estrutural.

Em um *post* publicado no perfil do *Instagram* dos pais de Titi<sup>5</sup>, eles anunciaram que conseguiram a punição contra o racismo, enfatizando que a condenação por injúria racial foi a primeira no Brasil a receber uma pena tão alta. Diante disso, verifica-se que o ambiente digital também possibilita práticas de resistência, com sujeitos que apresentam foco em acessar a rede social digital com a intenção de tornar público situações em que precisam ser denunciadas, contribuindo não só com a visibilidade ao problema, mas também ao atuar de modo contínuo nas formações de conscientização e posicionamento antirracista.

Este estudo foi motivado pela observação do uso da linguagem nos comentários publicados em *posts* do *Instagram* sobre a filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, com o objetivo de analisar se tais manifestações confrontavam ou reforçavam o racismo e o discurso de ódio. A partir dessa motivação inicial, percebemos a urgência de nos debruçarmos sobre as interseccionalidades presentes na categoria raça e no fenômeno do racismo, visto que a forma como essas práticas discursivas se manifestam na interação - a linguagem - desempenha um papel central tanto na (re)produção de estereótipos e na sustentação do racismo estrutural quanto no enfrentamento dessa violência.

Assim, é necessário aprofundarmos a compreensão dessa dinâmica, destacando que o racismo não apenas se desdobra por meio da linguagem, mas também que a própria “linguagem é desdobrada (senão criada ou recriada) através do racismo” (Nascimento, 2019, p 39). Em outras palavras, a linguagem é um dos principais meios pelo qual o racismo se manifesta e o racismo influencia a constituição dessa linguagem, modelando-a. Nesse caso, ambos, entrelaçados, perpetuam desigualdades.

Nesse sentido, a escolha dessa pesquisa se justifica em poder unir o interesse acadêmico à temática que envolve os estudos sobre o racismo linguístico atrelados ao campo da Linguística Aplicada (LA), elevando, assim, a reflexão e criticidade nos discursos contemporâneos. O trabalho também se justifica por analisar e interpretar discursos midiáticos, destacando a propagação proporcionada pelo *Instagram*, cuja rapidez no fluxo de informações amplia o alcance dessas mensagens.

Diante da proposta desenvolvida, surgem as questões de pesquisa do nosso trabalho que estão divididas em geral e específicos. O geral traz o seguinte questionamento: como a linguagem é utilizada pelos usuários da rede social digital *Instagram* para manifestar ou confrontar práticas racistas nos comentários sobre os episódios de injúria racial envolvendo a filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso? a) De que forma o racismo e o discurso de ódio direcionados a Titi, filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, reforçam a

---

<sup>5</sup> Acessar link: [https://www.instagram.com/p/C\\_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv](https://www.instagram.com/p/C_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv).

branquitude nos comentários publicados no *Instagram*? b) Quais interseccionalidades podem ser observadas nos comentários dos *posts* sobre Titi no *Instagram*?

Para que possamos alcançar respostas aos questionamentos supracitados, traçamos alguns objetivos, sendo o objetivo geral investigar o modo como a linguagem, a partir dos comentários presentes nos *posts* do *Instagram* direcionados à filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, manifesta/confronta o racismo e o discurso de ódio. E os objetivos específicos são: a) identificar, por meio da linguagem, mecanismos de reprodução da branquitude em comentários direcionados a Titi; b) compreender quais são as principais interseccionalidades presentes nos comentários dos *posts* da rede social *Instagram*; e c) analisar se os comentários dos *posts* na plataforma *Instagram*, da temática em análise, refletem ou confrontam a branquitude.

A metodologia de pesquisa se dá a partir de uma abordagem de cunho qualitativo de acordo com as categorizações de Prodanov e Freitas (2013) e se classifica também como interpretativista. O *corpus* da pesquisa consiste em comentários em *posts* do *Instagram*, pois buscamos compreender, interpretar e descrever as manifestações do racismo linguístico presentes na plataforma, com o intuito de trazer uma outra perspectiva sobre a problemática em análise. Para realizar a pesquisa adotamos os tipos exploratório e explicativo. O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de levantar informações sobre o objeto de estudo (o racismo linguístico), buscando mapear as condições de manifestação do referido objeto. Conforme Severino (2013), essa etapa constitui-se como uma espécie de preparação para a pesquisa explicativa.

Quanto aos procedimentos, nossa pesquisa adotou o estudo bibliográfico, pois se fundamenta em fontes já documentadas decorrentes de outros estudos, como artigos, publicações em periódicos, livros entre outros que tratam do tema que é discutido. Segundo Prodanov e Freitas (2013), este tipo de pesquisa permite que o pesquisador entre em contato direto com diversos materiais já escrito sobre o assunto da pesquisa.

A nossa investigação tem como *corpus* oito comentários que estão presentes em publicações postadas em seis perfis, sendo eles: o perfil jornalístico da *@bandnews*, e os perfis *@purepeoplebrasil*, *@midianinja* e *@poderespretos* que veicula conteúdos relacionados a temas sociais, e os perfis pessoais dos artistas *@gioewbank* e *@brunogagliasso*. Selecionamos esses perfis em razão de seu amplo alcance e potencial no espaço digital, com mobilização discursiva em torno de episódios que envolvem relações raciais, de linguagem e poder que se propagam com muita força e visibilidade no campo midiático, como no *Instagram*, com discursos que reforçam, de maneira negativa e estereotipada, o racismo em que se é estabelecido socialmente.

A geração dos dados, contemplam comentários de racismo dirigidas à filha do casal, relatos de usuários que também são vítimas de racismo e, por fim, posicionamentos assumidamente antirracistas. A escolha se deu com base em critérios qualitativos, priorizando aqueles que mostram, de forma explícita ou implícita, aspectos de racismo linguístico, naturalização da branquitude, resistência ao discurso da branquitude e interseccionalidades apresentadas na linguagem pelos usuários. Além disso, preservamos o anonimato dos usuários e analisamos os dados à luz da teoria da Linguística Aplicada, considerando os aspectos linguísticos, discursivos, ideológicos e os sentidos produzidos nas interações.

Para identificar as postagens, utilizamos as referências “figura 1”, “figura 2”, “figura 3” e assim sucessivamente. A análise desses dados funciona como instrumento para compreender como a linguagem atua na legitimação ou na contestação de estruturas de poder racializadas, permitindo identificar mecanismos de reprodução da branquitude e estratégias de enfrentamento simbólico ao racismo. Trata-se de uma pesquisa que firma compromisso com a luta antirracista, na qual adotamos autores que discutem a linguagem como prática social e política. Usamos os estudos de Nascimento (2019), Carneiro (2005), Trindade (2025),



Quijano (2005), Mbembe (2014), Almeida (2021), Silva (2022), Ribeiro (2019), Shucman (2023), e Butler (2021).

A fundamentação teórica serve para subsidiar a interpretação da análise dos dados, possibilitando compreender as formas pelas quais a linguagem nas redes sociais opera como instrumento de dominação e/ou de resistência no que diz respeito às relações raciais em nossa sociedade brasileira. Assim, a metodologia dialoga com os objetivos da pesquisa, que é investigar os discursos produzidos no *Instagram*, analisando como a linguagem revela percepções sobre práticas racistas, evidenciando, desse modo, a centralidade dos discursos de ódio e da branquitude como referência normativa, bem como o modo como as interseccionalidades se articulam nos processos de disseminação e contestação de enunciados racialmente marcados.

Quanto à organização da pesquisa, ela se estrutura em seções da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a introdução, em que situamos, brevemente, a realidade do racismo no Brasil e como práticas racistas se manifestam no ambiente virtual.

Em seguida, a seção de Fundamentação Teórica, intitulada: *2 Racismo nas mídias sociais: relações de poder, linguagem, interseccionalidade e branquitude no Instagram*, desmembra-se em três subtópicos, a saber: *2.1 Linguagem nas mídias sociais: pluralidade identitária, relações de poder e a (não) perpetuação do racismo*; *3 A interseccionalidade, as narrativas de opressão e resistência e os discursos de ódio na rede social Instagram*; *3.1 Branquitude: a permanência de manifestações racistas na sociedade brasileira*. Essa parte do trabalho configura-se como uma revisão de literatura, reunindo os principais aportes teóricos que embasam a investigação. Primeiramente, discutimos a linguagem nas mídias digitais e seu reflexo social nas dinâmicas de resistência, silenciamento e propagação do racismo.

Na sequência, abordamos a interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as narrativas de opressão e visibilidade nos discursos racistas no *Instagram*. Por fim, discutimos as relações entre branquitude e poder, destacando a persistência de manifestações racistas dominantes na sociedade brasileira. Posteriormente, apresentamos a seção de análise dos dados, na qual examinamos os comentários selecionados de postagens do *Instagram*, buscando compreender de que forma a linguagem opera na manutenção ou no enfrentamento das estruturas raciais de poder presentes no ambiente digital. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos os principais resultados alcançados, destacando as contribuições do estudo para o debate sobre racismo linguístico e práticas discursivas nas redes sociais, além de apontar possíveis caminhos para pesquisas futuras.

No entanto, observamos que essas vozes de enfrentamento aparecem em menor número; como destacamos na seção de análise, apenas o comentário sete menciona a conquista que representa atravessar historicamente o racismo estrutural, enfatizando que Titi e seus pais confrontam práticas que produzem discurso de ódio, branquitude e a subalternização da população negra. Esse posicionamento antirracista, evidencia a busca por uma sociedade mais igualitária. Entre inúmeros comentários racistas, identificamos ainda a presença de vozes - inclusive brancas - conscientes de seus privilégios e dispostas a assumir uma postura de enfrentamento ao racismo.

## **2 RACISMO NAS MÍDIAS SOCIAIS: RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGEM, INTERSECCIONALIDADE E BRANQUITUDE NO *INSTAGRAM***

Esta seção aborda algumas considerações teóricas que fundamentam a investigação. Inicialmente, explanamos, de maneira breve, sobre a linguagem nas mídias digitais e seu reflexo social nas relações de resistência, silenciamento e propagação do racismo; em seguida, discutimos sobre a interseccionalidade como ferramenta de análise nas narrativas de opressão e visibilidade nos discursos racistas na rede social *Instagram*. Por fim, tratamos das relações

entre branquitude e poder, destacando a persistência de manifestações dominantes na sociedade brasileira.

## **2.1 Linguagem nas mídias sociais: pluralidade identitária, relações de poder e a (não) perpetuação do racismo**

O racismo se recria sobretudo por meio da linguagem, pois é um fenômeno histórico que atravessa a realidade social brasileira. Assim, a comunicação<sup>6</sup> torna-se o principal veículo de reprodução de práticas racistas. Desse modo, “o racismo segue sendo - com a marca da violência e da desumanização - o principal elemento estruturador do sistema de desigualdade que organiza a sociedade brasileira” (Schucman, 2023, p. 09). Essa desigualdade manifesta-se de diversas formas, entre elas pela violência e pela privatização de direitos, em que o racismo se constitui como uma das estruturas de poder que está enraizada na histórica e cultura da sociedade brasileira, fazendo com que essas ações sejam adotadas e naturalizadas por aquelas pessoas que de algum modo compactuam com as ideologias na qual compõem o racismo.

Logo, é fundamental compreender que o racismo não havia a categorização de raça sobre os negros, mestiços e indígenas. Essas práticas racistas foram introduzidas a partir do momento em que os europeus se intitularam como brancos, utilizando dessa classificação para inferiorizar e retirar dos colonizados suas culturas, identidades e ter a expansão capitalista.

Todavia, nesse processo, a dominação não se limitou à dimensão ideológica, mas também se materializou em práticas concretas, estando profundamente vinculada à exploração da terra e dos corpos. A apropriação violenta dos territórios foi acompanhada da submissão física e do controle da força de trabalho dos povos colonizados, reduzindo-os a instrumentos de produção. Dessa forma, a perspectiva eurocêntrica articula-se a essa dinâmica de exploração, convertendo a raça em estrutura de poder dominante, que sustenta privilégios e desigualdades sociais até a contemporaneidade.

Nesse contexto, o racismo posiciona o sujeito negro em condição de subalternidade, sustentada pelo saber hegemônico branco. Com isso, Mbembe (2014) delimita sobre o conceito de “raça” e sobre as práticas sociais que reforçam estereótipos e atos que universalizam os ataques racistas, sendo fundidos em uma problemática social velada, sobretudo no que diz respeito à suposta superioridade física, intelectual e moral que se é atribuída aos brancos. Assim, também é possível constatar que, conforme apresenta Nascimento (2019), o racismo linguístico carrega marcas de um atravessamento histórico que se manifesta por meio da linguagem, a qual desempenha um papel central na manutenção da dominação pela hegemonia branca-europeia. Notamos que, nos últimos anos, essa temática tem ganhado destaque nos debates acadêmicos e sociais, uma vez que evidencia como a língua pode operar como instrumento de exclusão e hierarquização.

Em contraposição a esse processo, os povos negros iniciaram lutas de resistência, buscando desconstruir os mecanismos linguísticos que os colocaram à margem no intuito de inferiorizá-los. Assim, o racismo é decorrente de formações históricas tendo o sujeito e a história inteiramente conectados a partir da linguagem. Ribeiro (2019, p. 09) afirma que o Brasil construiu um imaginário que minimiza ou nega o racismo, fundamentado em mitos que operam na ideia de uma suposta democracia racial e na miscigenação como sinal de harmonia entre os grupos étnico-raciais. Contudo, essa visão tem sido desmistificada, principalmente pela intelectualidade negra, pois o racismo se manifesta tanto de forma estrutural quanto institucional com padrões e privilégios que favorecem a raça branca, dominante.

---

<sup>6</sup> Se trata de uma comunicação que ocorre por meio do veículo midiático digital, envolvendo interações de trocas rápidas e multimodais (com imagens, vídeos, áudios e textos). Permitindo assim, um engajamento ativo dos usuários.

Nesse sentido, Almeida (2021, p. 62) enfatiza que: “na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual”. Sem reparações políticas ou sociais, a exclusão permanece com base em critérios baseados na raça, com representações enraizadas do coletivo até as práticas individuais, como acontece em situações de recusa na contratação de pessoas negras, desigualdades em processos seletivos, atendimentos discriminatórios e a ausência de representatividade nos órgãos públicos. Considerando esse contexto, Ribeiro (2019) relata que, ainda na infância, precisou refletir sobre sua condição racial, observando que o vocabulário estereotipado atribuído às pessoas negras não é o mesmo aplicado às brancas. Assim, dúvidas sobre a competência intelectual de indivíduos negros e manifestações de racismo travestidas de “elogios” aparecem de forma corriqueira, caracterizando o que a autora denomina de condescendência racial presente nas práticas cotidianas. Diante dessas questões, Ribeiro (2019) elenca que:

Portanto, frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso — se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude (Ribeiro, 2019, p. 15).

Destacamos que é urgente compreender que o racismo é naturalizado não apenas nas atitudes dos indivíduos, mas também na oralidade, como quando afirmam “eu não vejo cor”. Essa é apenas uma das inúmeras formas de tentarem se autodeclarar como antirracistas, fazendo com que o real problema não fique saltitante perante aos nossos olhos, pois, torna despercebida tamanha violência racial, opressão, exclusão e minimização do que não passa de uma prática social mantida pela desigualdade. Assim, é de suma importância reconhecermos que a negritude é diversa e compreendermos que a população negra constitui uma referência de representação, identidade, permanência, ressignificação e cultura.

Ao adentrarmos nas redes sociais digitais, verificamos que elas se constituem como veículos de exposição pública, nos quais emergem manifestações depreciativas provenientes de determinados grupos que praticam diferentes formas de racismo, seja físico, moral ou psicológico. Diante dessa questão, Silva (2022) destaca que:

As mídias digitais, uma vez que possuem facilidade de acesso, também retiram a sua responsabilidade sobre a liberdade de expressão dada aos sujeitos, de tal maneira que, a facilidade de postagem e da (não) punição faz com que a naturalização do racismo continue presente como uma situação em que a condição ou o distanciamento entre a elite e a marginalidade dos povos negros seja vista como reflexo da sociedade e não como uma problemática que resulta do próprio produto da realidade (Silva, 2022, p.14).

Notamos que tais dinâmicas revelam ideologias estruturadas na articulação entre resistência, silenciamento e perpetuação de práticas racistas. A luta contra o racismo constitui uma estratégia fundamental para deslegitimar a perpetuação dessa prática, uma vez que desafia normas sociais que historicamente impedem o país de avançar em direção à democracia e à consciência racial. Movimentos que buscam combater desigualdades estruturais, por meio de políticas públicas voltadas ao enfrentamento de crimes racistas e discursos de ódio que atravessam violentamente a realidade brasileira, almejam a construção de um Brasil sustentado pela equidade e pela igualdade racial e social. Diante disso, Nascimento (2019) menciona que:

Se fomos pensar de maneira hegemônica, a língua insere no pensamento não só o que é a coisa significada, mas produz as situações relacionais que dão significado aos sujeitos e às estruturas de poder. Assim, ela produz sempre dicotomias, não

porque nela existem dicotomias naturais, mas como reflexo refratado dos próprios projetos de dominação e poder (como advoga BAKHTIN, 1997). Ao produzir dicotomias, a língua possibilita, para o bem e para o mal, possibilidades de luta (Bakhtin, 1997 *apud* Nascimento, 2019, p. 24).

Com base na perspectiva Bakhtiniana, segundo a interpretação de Nascimento (2019), é possível destacar que a língua está para além do que as pessoas normalmente delimitam, como algo que não carrega apenas significados, mas que também agrega poder nas relações dominantes no que diz respeito ao modo de pensar e agir. Nessa perspectiva, a linguagem ocupa espaços de resistência e luta, estando intrinsecamente conectada à construção das relações humanas. Assim, as divisões presentes na sociedade também se manifestam por meio dela, uma vez que se tratam de projetos de dominação cujos reflexos são externados em diversas situações do cotidiano, como acontece no diálogo mais simples até os discursos midiáticos, institucionais e políticos. Assim, no mesmo viés que a língua pode sofrer processos opressão, ela também consegue confrontar essas práticas que são manifestadas pela linguagem por ser agenciadora dessas relações de poder.

A seguir, no próximo tópico apresentamos algumas discussões acerca do racismo e suas interseccionalidades, demonstrando que as narrativas de opressão, resistência e discurso de ódio são reflexos de manifestações que advém de posicionamentos racistas que privilegia os brancos e inferioriza os negros.

## **2.2 A interseccionalidade, as narrativas de opressão e resistência e os discursos de ódio na rede social *Instagram***

A interseccionalidade constitui um ponto crucial nesta pesquisa, pois revela as múltiplas formas de opressão pelas quais o racismo se manifesta. No campo midiático, especialmente na rede social *Instagram*, essa dinâmica não é diferente: as narrativas produzidas frequentemente reforçam o enaltecimento de determinados grupos enquanto relegam outros à condição de subalternidade. Seguindo este raciocínio, o discurso de ódio difundido no *Instagram* é o reflexo do racismo estrutural e constitui uma forma poderosa de ação sobre as conjunturas sociais brasileiras. Notamos que além de expressar hostilidade, esses discursos atuam diretamente sobre seus destinatários, produzindo efeitos injuriosos e reforçando processos contínuos de sujeição, nos quais os sujeitos são moldados e limitados pelas normas e expectativas sociais (Butler, 2021). Quanto ao racismo, Clovis Moura (1994) relata que ele surge através de questões ideológicas, de narrativas e formulações de pensamentos que acontecem de maneira intencional. Logo, o autor menciona:

[...] “força permanente” e um “significado polimórfico e ambivalente”. Apenas desta forma poderemos compreender por que se trata de um conceito tão polêmico e, também, por que em determinados contextos políticos e momentos históricos o racismo adquire tanta vitalidade e se desenvolve com tanta agressividade: ele não é uma conclusão tirada dos dados da ciência, de acordo com pesquisas de laboratório que comprovem a superioridade de um grupo étnico sobre outro, mas uma ideologia deliberadamente montada para justificar a expansão dos grupos de nações dominadoras sobre aquelas áreas por eles dominadas ou a dominar. Expressa, portanto, uma ideologia de dominação, e somente assim pode-se explicar a sua permanência como tendência de pensamento (Moura, 1994, p. 01, grifos do autor).

Entendemos, portanto, que o racismo se faz presente em qualquer instância de uso, tendo em vista que as práticas racistas nem sempre vão ser verbalizadas, pois também podem ocorrer de maneira silenciosa, efetuando-se implicitamente na construção do racismo

institucional e estrutural. No contexto midiático, ele se torna persistente a cada comentário negativo de teor ofensivo, caracterizando-se como disseminação de um discurso de ódio. A propósito, ao evidenciar a necessidade de responsabilização daqueles que propagam o racismo por meio de discursos de ódio, torna-se perceptível que essa temática nos conduz a refletir sobre essa plataforma, que favorece o empoderamento das pessoas. Na continuidade, Trindade (2022) elenca que:

O que acontece é que, ao se posicionar simplesmente como empresa de tecnologia, Facebook, Twitter e afins não se consideram responsáveis (ou sequer corresponsáveis), pelo conteúdo publicado pelos usuários de suas plataformas. A alegação das empresas é que elas disponibilizam uma ferramenta, e o que os usuários fazem com ela é de sua inteira responsabilidade (ou seja, dos indivíduos e não das corporações). (Trindade, 2022 p. 65)

Tendo em vista que essa responsabilização também deveria ser atribuída às plataformas, observa-se que elas transferem esse compromisso para os usuários, por meio de um processo de terceirização. Isso se deve ao fato de que há interesses lucrativos envolvidos: para garantir maior retorno financeiro, essas empresas dependem da manutenção do engajamento contínuo dos usuários. Nesse cenário, práticas de estereotipação e ridicularização se perpetuam, pois a lógica capitalista que estrutura a sociedade privilegia benefícios individuais em detrimento do bem-estar coletivo. Assim, reafirma-se uma hierarquia de privilégios em que pessoas brancas ocupam uma posição favorecida, enquanto pessoas negras permanecem submetidas a desigualdades históricas.

Diante disso, torna-se possível avançar na compreensão do cenário que define a liberdade de expressão no Brasil. Em princípio, tal liberdade é concebida como a garantia de que todo indivíduo pode expressar suas ideias e opiniões sem qualquer tipo de interferência. Porém, essa liberdade necessita que exista limites, pois o fato de um sujeito manifestar seus pensamentos de maneira livre pode acarretar em implicações, principalmente quando se é feito na intenção de proferir discursos de ódio, racismo, direito à honra e entre outras complexidades sociais que a sociedade reproduz e que é definido como crime. Nesse sentido, propostas legislativas recentes, como o Projeto de Lei n.º 2630/2020 (PL das Fake News) e o Projeto de Lei n.º 2.682/2022, reforçam a necessidade de regulação das plataformas digitais e de responsabilização dos agentes envolvidos, buscando equilibrar a liberdade de expressão com a proteção dos direitos fundamentais, especialmente no ambiente das redes sociais.

A *internet*, por sua vez, configura-se como um espaço amplo e dinâmico que potencializa a circulação de pensamentos e discursos, inclusive daqueles que produzem práticas ofensivas. Essa visibilidade facilita a definição de um público-alvo e a execução de ações racistas e abusivas. Desse modo, o racismo se mantém vivo e se manifesta de diferentes formas. As redes sociais, por exemplo, constituem ambientes que permitem tanto expressões sutis quanto explícitas de racismo, contribuindo para sua naturalização entre os usuários e para a reprodução contínua dessas práticas no campo midiático. Nesse contexto, abordamos no próximo tópico as dimensões da branquitude, evidenciando como grupos dominantes exercem, de forma contínua, práticas que oprimem, sustentam privilégios e promovem a invisibilidade da população negra. Trata-se de um conjunto de ações e discursos que, de maneira hierárquica, reafirmam a posição de poder da branquitude sobre os não brancos.

### **2.3 Branquitude: a permanência de manifestações racistas na sociedade brasileira**

Na sociedade brasileira o indivíduo branco é visto como alguém que se “enquadra” em um padrão universal ocupando espaços de privilégios, preferências e representatividade humana, pois, historicamente essa apropriação foi pré-estabelecida pela própria civilização.

Desse modo, emerge o conceito de branquitude, que evidencia uma supremacia branca sustentada historicamente e que, ainda hoje, garante a determinados grupos posições privilegiadas nos âmbitos social, político, cultural e econômico. O Brasil é um país em que se tem, em seu histórico, o racismo inserido de maneira institucionalizada desde sua colonização a partir de ideias que foram sustentadas de maneira histórica. Sobre o conceito de branquitude, no prefácio da obra de Conceição intitulado *Branquitude: dilema racial brasileiro* (2020), Leite pontua:

[...] um conceito elaborado a partir de um discurso ético, criado para desvelar certos processos e relações estruturais de dominação, para desmascarar a face oculta do colonialismo, como um operador sub-reptício de naturalização do branco e para transformá-lo em ideal e em universal (Leite, 2020, p.13).

A sociedade encontra-se organizada em grupos e camadas sociais, na qual a elite branca é frequentemente apresentada como modelo desejável. Essa elite é composta por indivíduos considerados referências de poder e qualificação. Nesse contexto, os brancos ocupam socialmente o patamar ideal, enquanto os negros são frequentemente relegados às camadas mais baixas dessa pirâmide social. Termos pejorativos e negativos são atribuídos às pessoas negras de forma naturalizada, reforçando a ideia de que não lhes cabem os mesmos privilégios nem o acesso aos mesmos espaços sociais ocupados pelos brancos. Schucman (2023) destaca que a noção de branquitude está relacionada à posição de vantagem nas sociedades estruturadas pelo racismo. Trata-se de uma posição de poder ocupada por aqueles que são “considerados brancos”, o que significa que a definição de “ser branco” varia conforme o contexto histórico e geográfico. Em diferentes lugares, os critérios de pertencimento à branquitude podem mudar; por exemplo. Assim, Schucman menciona o caso dos judeus, que não foram reconhecidos como brancos na Europa em determinados períodos históricos.

A autora problematiza ainda o funcionamento da branquitude no Brasil. Segundo ela, ser branco implica “herdar o mundo” ao nascer, ou seja, receber automaticamente os significados e privilégios socialmente atribuídos à brancura em uma sociedade racializada. Sobre os corpos brancos recaem ideias socialmente construídas de beleza, progresso, civilização e inteligência, concepções não apenas herdadas, mas também reproduzidas e distribuídas socialmente sobretudo nos espaços midiáticos, como propagandas e campanhas publicitárias. Esse processo de circulação e reafirmação de privilégios é parte do “jogo” da branquitude. Como ela observa: “se fosse só a herança, e as pessoas não distribuíssem entre si, em algumas gerações isso se findava” (Schucman, 2023, p. 46), um processo que aparentemente parece não ser fácil.

Dando continuidade, Bento (2022), em seu livro *O Pacto da Branquitude*, elenca as realidades presentes nesse pacto, referindo-se ao racismo que se infiltra e se estrutura socialmente, produzindo impactos significativos sobre a vida da população negra em diversas esferas sociais. Nesse contexto, os brancos passam a assumir de forma crescente o papel de opressores, alinhando-se à perpetuação da branquitude e à manutenção de seus espaços de privilégio, consolidando relações de poder de um grupo sobre o outro.

Assim, foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão (Bento, 2022 p.17-18).

Em diálogo com o trecho, podemos compreender como a branquitude se empenha em expandir a lógica que sustenta privilégios e regalias daqueles que ocupam o topo da hierarquia

social. O racismo atua como prerrogativa para limitar o acesso de quem busca espaço em territórios historicamente dominados pelos brancos. Nesse sentido, a autora ressalta a urgência de que a sociedade reflita e mobilize recursos para enfrentar essas estruturas de poder. Trata-se de um entrelaçamento de lutas que precisa ser evidenciado, de modo que o rompimento com o silêncio seja possível e a sociedade possa ser constituída de maneira mais igualitária e justa.

Tal fenômeno evidencia a urgência de incidir na relação de dominação de raça e gênero que ocorre nas organizações, cercada de silêncio. Nesse processo, é fundamental reconhecer, explicitar e transformar alianças e acordos não verbalizados que acabam por atender a interesses grupais, e que mostram uma das características do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022 p.12).

A autora criou o termo “Pacto Narcísico da Branquitude” para delimitar que a reprodução da branquitude ocorre de maneira implícita ou explícita, a partir do momento que esse pacto é gerado por grupos de pessoas brancas e, caso essa organização não seja combatida e posta em evidência, o silenciamento dos povos negros continuará. Desse modo, abre-se um espaço para que as relações de dominação fortaleçam suas alianças e os brancos não sejam confrontados, estruturando, assim, cada vez mais o racismo. Essa é uma estratégia hegemônica para que os brancos possam tornar o racismo oculto com práticas que sejam naturalizadas, pois o grande interesse é que os brancos ocupem seus privilégios e permaneçam hierarquicamente fazendo suas projeções sobre os negros.

Em linhas gerais, os brancos estabelecem invisibilidade sobre os negros a partir de critérios que resultam em benefícios para desfrutarem de posição social, boas condições financeiras e oportunidades. Carneiro (2005), enfatiza que a branquitude apoia-se na ideia de meritocracia e isso faz com que se torne invisível o racismo estrutural. Logo, engendram-se na sociedade como um contrato racial pautado na preservação da racialidade na qual fornece espaço cada vez mais significativo para a branquitude. Seguindo essa linha, no próximo tópico analisamos como o racismo é reproduzido através da interface da rede social *Instagram*, compreendendo que o racismo não só persiste ativo em todas as camadas sociais, mas que também impulsiona ações que proliferam ataques de teor ofensivos, que ferem principalmente, a dignidade humana por meio da linguagem-discurso de ódio.

### **3. O RACISMO E SUAS DIMENSÕES: UMA ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DE COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM***

O racismo no Brasil se evidencia em diversas esferas sociais, nas quais os negros e negras são representados de forma inferiorizada, sendo-lhes impostas limitações que dificultam o pleno exercício de sua cidadania e o acesso a uma vida digna. Assim, é urgente levarmos em consideração as diversas formas que o racismo pode se manifestar no âmbito social, institucional, estrutural como também por meio da linguagem-discurso de ódio. Nascimento (2019, p. 30), ao discutir identidade, raça e linguagem, evidencia que essas dimensões são atravessadas por relações de poder que sustentam processos de dominação, nos quais os brancos buscam manter os negros em posição de marginalização e precarização. Dessa forma, a branquitude, enquanto construção social, ocupa um lugar de privilégio simbólico e material, a partir do qual exerce e reproduz práticas de opressão sobre os sujeitos negros.

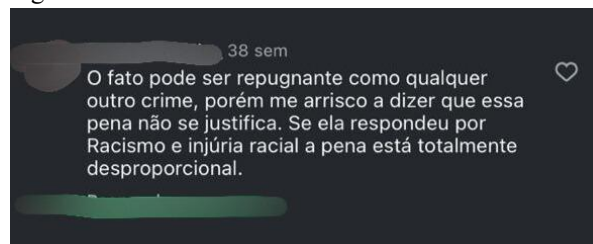
Nos próximos tópicos, identificamos como o racismo acontece pela interface da rede social *Instagram*, plataforma na qual possibilita que milhares de usuários mantenham uma interação cotidiana e em tempo real. Assim, analisamos e, por conseguinte, compreendemos que

o racismo não só existe, como também sustenta o discurso de ódio, englobando as principais interseccionalidades- raça, classe social e gênero.

### 3.1 “Essa pena não se justifica”: o racismo não sendo visto como crime

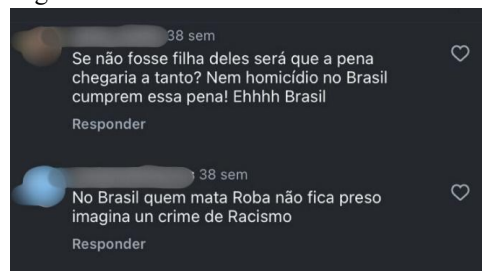
Neste tópico, debruçamo-nos sobre os comentários feitos por diversos usuários que, de algum modo, assumem um posicionamento racista em *posts* da plataforma *Instagram* (rede social em análise)<sup>7</sup>. O *Instagram* constitui um ambiente digital no qual o racismo é frequentemente reproduzido e legitimado por meio de discursos naturalizados, permitindo que práticas discriminatórias ganhem visibilidade e se perpetuem nas interações virtuais. Ao iniciarmos a presente análise, vale salientar que o seu desenvolvimento se deu a partir de perfis selecionados da rede social *Instagram*, os quais foram mantidos em sigilo a fim de garantir a ética e a preservação da identidade dos participantes. Para a compreensão das práticas analisadas, foram observadas interações nos perfis *@midianinja* e *@poderespretos*, em que três comentários de um mesmo *post* foram selecionados para análise, evidenciando a dinâmica interativa entre os usuários:

Figura 1 - Comentário 1



Fonte: *@midianninja* e *@poderespretos* (2024).<sup>8</sup>

Figura 2 - Comentários 2 e 3



Fonte: *@midianninja* e *@poderespretos* (2024).<sup>9</sup>

Nos *prints* dos comentários em questão, podemos identificar que o racismo é visto como um “não crime” por parte de pessoas que, em muitos casos, o legitimam e compactuam

<sup>7</sup>Importante frisar que no Brasil, o racismo é considerado crime imprescritível e inafiançável, conforme determina a Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989. De acordo com o Instituto Geledés (2014), a legislação brasileira define o racismo “como crime o ato de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. No entanto, embora as práticas racistas sejam juridicamente tipificadas como crime, a aplicação das punições ainda se mostra ineficaz, sobretudo quando os ataques ocorrem nas redes sociais.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==](https://www.instagram.com/p/C_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==). Acesso em: 08 out. 2025.

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==](https://www.instagram.com/p/C_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==). Acesso em: 08 out. 2025.



com suas manifestações. O U1 comentário, por exemplo, foi feito por um homem branco com formação superior em Direito - informação descrita em seu próprio perfil no *Instagram*. Apesar de possuir conhecimento jurídico e ocupar um espaço de fala legitimado por sua área de atuação, o indivíduo apresentou um discurso contraditório: ele reconhece que o racismo constitui crime, mas relativiza a aplicação da pena, sem, contudo, oferecer argumentos jurídicos consistentes que sustentem sua afirmação de que a punição seria desproporcional.

O comentário evidencia uma fala pessoal, e não um posicionamento ético condizente com a postura de um profissional comprometido com a justiça e com a construção de uma sociedade antirracista e igualitária. Embora o sujeito tenha conhecimentos aprofundados na área jurídica, ele ainda demonstra dificuldade em negar o reconhecimento do crime de racismo e injúria racial em sua devida gravidade. Esse posicionamento reflete discursos recorrentes nas redes sociais, proferidos por pessoas que dificultam o avanço no combate ao racismo - uma característica marcante do processo de manutenção do racismo estrutural. Butler (2021, p. 35) afirma que “determinados tipos de discurso não apenas comunicam o ódio, mas também constituem atos injuriosos (...)”. Portanto, é através da linguagem que a branquitude também se perpetua, ao querer naturalizar e reforçar ideologias de depreciação no modo como o racismo deve ou não ser combatido. No entanto, o intuito é exercer a minimização do racismo, para que seu impacto seja sutilmente tratado como a não caracterização de ser considerado como um crime.

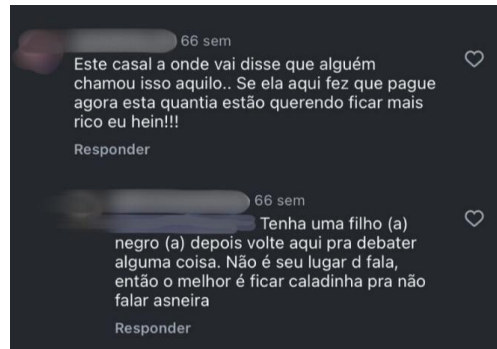
A segunda figura é composta por dois comentários, sendo eles U2 e U3 os usuários que também promovem a deslegitimação não apenas da vítima, mas também da luta contra o racismo. O U1, ao mencionar “se não fosse filha deles, será que a pena chegaria a tanto?”, adota um tom de ironia ao se referir à percepção da justiça brasileira, insinuando que o racismo não é considerado crime quando comparado a delitos como o homicídio e outros que, segundo sua visão, seriam os verdadeiros crimes, por se tratarem de atos, muitas vezes, irreversíveis.

Contudo, a lógica de quem mantém atitudes racistas consiste justamente em desconsiderar os danos morais, físicos e psicológicos sofridos pelas vítimas desses ataques, que vivem em um sistema historicamente marcado por autoritarismo e inferiorização dos negros em relação aos brancos, no qual os brancos ocupam posições privilegiadas em detrimento dos negros, refletindo desigualdades socialmente construídas. Por se tratar da filha de famosos, o ao mesmo tempo, mostra a posição social de prestígio por parte do casal em que ocupa uma posição social elevada, o que favorece a maior visibilidade do caso da Titi. Reconhecer isso é o mesmo que evidenciar que os negros enfrentam limitações estruturais para ocupar espaços de destaque na sociedade, na maioria dos casos, eles ocupam as classes sociais marginalizadas, por residirem em áreas periféricas, por não ter acesso a privilégios ou às mesmas oportunidades de emprego que os brancos. Ribeiro (2019, p. 35) aborda o conceito de lugar de fala, ou *locus social*, destacando como esse lugar pode influenciar, de forma positiva ou negativa, a vida de quem sofre racismo. Independentemente da classe social, pessoas negras enfrentam discriminações cotidianas, com a branquitude questionando sua capacidade intelectual, seu pertencimento social e restringindo seu acesso a empregos dignos e a direitos básicos.

Porém, é importante nos atentar que, embora esse indivíduo mencione a punição, ele não reconhece que o racismo ocorre independentemente da classe social ou do poder aquisitivo do casal. A Titi já sofre os efeitos dessa desigualdade, mesmo sendo filha de pessoas famosas, e isso não diminui a gravidade do racismo a que é submetida. Dessa forma, torna-se urgente compreendermos o racismo como forma de violência e crime racial, evidenciando que a cor da pele ainda determina quem é (e não é) alvo de ataques racistas, sem fazer a descridibilização do crime ou comparações com outros delitos, como ocorre no comentário do U3. Dando continuidade, os próximos comentários evidenciam como o

racismo se manifesta de forma irônica, sendo reproduzido e mantido ativo por alguns usuários. Também há a presença de pessoas que confrontam essas práticas, posicionando-se como vozes de resistência.

Figura 3 - Comentários 4 e 5



Fonte: @purepeopeobrasil (2024).<sup>10</sup>

O quarto comentário refere-se ao perfil @purepeopeobrasil e, em uma análise do contexto da imagem, é possível identificar que, mais uma vez, o comentário do U4 provém de uma usuária branca, desta vez do gênero feminino. Estamos novamente diante de um cenário de reprodução da branquitude, agora manifestado por uma mulher que deslegitima as dores e experiências negativas vivenciadas por Tití. A fala “estão querendo ficar mais rico eu hein” sugere descrédito e deboche, ao insinuar que o casal buscaria obter vantagem financeira com a situação, culpabilizando exclusivamente a vítima e desconsiderando o racismo sofrido por Tití.

Esse tipo de posicionamento nos alerta para a existência de discursos que minimizam a gravidade das opressões raciais, geralmente proferidos por pessoas sem lugar de fala, ou seja, por aqueles que desconhecem o significado real de conviver com suas consequências. No mesmo comentário, surge a resposta do U5 que confronta a fala anterior, evidenciando um posicionamento reativo de alguém que possui vivência da realidade de ser negro(a) no Brasil. Dessa forma, torna-se possível promover a desconstrução dessas práticas discriminatórias, ao reconhecer que o sujeito branco, imerso em privilégios, não detém lugar de fala para julgar as experiências de quem sofre com a opressão racial.

O ato de reivindicar reforça a identidade e a luta antirracista, ao se fundir na resistência de manter a voz ativa diante desses discursos individualistas. Conforme Silva (2022, p.43), “[...] o controle dos corpos se constrói a partir das relações de poder que se sustentam conforme os modos de subjetivação a partir de quem possui maior privilégio e de quem está posto à subordinação.” Diante dessas tensões sociais, o *Instagram* apresenta conflitos simbólicos, em que o confronto também pode acontecer ao longo dessas interações, ao expor que na mesma intensidade que o U4 reflete a branquitude o U5 a confronta.

### 3.2 “Eu tmb fui vítima de racismo pela minha cor e pela posição social”: racismo e interseccionalidades

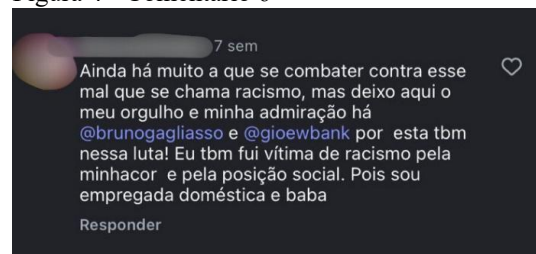
No Brasil, a raça é o que delimita a posição social de uma pessoa (Nascimento, 2019, p. 32). Trata-se de uma caracterização que parte de um entrelaçar de convenções criadas, que contribuem deliberadamente para a perpetuação do racismo. Esse fenômeno pode ser debatido

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3GiDP4pGij/?igsh=MjFnbXhlZmsxY2pk>. Acesso em: 08 out. 2025.

com mais visibilidade quando analisado em suas camadas interseccionais, ao se compreender a força que essa problemática pode ter, a depender do contexto ou do lugar de fala no qual se está exposto à ocorrência de práticas racistas. Os comentários subsequentes (figura 5 e figura 6) foram retirados dos perfis *@brunogagliasso* e *@gioewbank*. A publicação foi feita no perfil pessoal do casal, e, na legenda, eles escreveram sobre a vitória contra o racismo, uma conquista histórica, na qual a Justiça Federal do Rio de Janeiro havia proferido a decisão de condenação da Mc Day a oito anos e nove meses de prisão por crimes de injúria racial e racismo contra a Tití.

Os pais de Tití também reconhecem as posições de privilégio que ocupam por serem brancos, ressaltando que a visibilidade proporcionada pela fama lhes confere uma voz ativa e alcance social que muitas pessoas negras não possuem. Esse reconhecimento evidencia a consciência de que a experiência de brancos e negros no enfrentamento do racismo é marcada por desigualdades estruturais, em que o acesso a oportunidades, visibilidade e recursos diferencia os impactos da opressão racial. Entre os diversos sinais de reflexão sobre pertencimento e lugar de fala, o casal enfatiza na legenda do *post* a necessidade de um engajamento contínuo contra o racismo, com a frase: “nunca é tarde, mas ainda é tarde”. A seguir, apresentamos os comentários que compõem a publicação desta seção.

Figura 4 - Comentário 6



Fonte: *@brunogagliasso* e *@gioewbank* (2024)<sup>11</sup>.

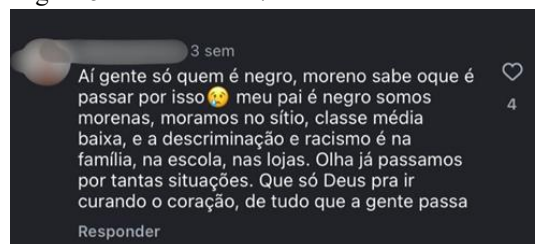
No *print* do comentário retirado do *post*, percebemos que há um expressivo engajamento marcado pela partilha de relatos pessoais proporcionada pela rede social *Instagram*. Assim, a mesma plataforma que abriga usuários que ferem e agridem a moral com comentários racistas também se revela como um espaço de resistência, onde outros usuários compartilham suas dores, experiências e reflexões, evidenciando as posições de inferiorização e desvalorização que as mulheres negras têm enfrentado ao longo de tantos anos no Brasil. Como o próprio usuário evidencia, trata-se de uma mulher negra que enfrenta o racismo em razão de sua cor, gênero e classe social. Nesse sentido, Carneiro (2005), que discute de forma pioneira as dimensões interseccionais, afirma que são essas dimensões que estruturam a desigualdade social no Brasil, tendo o racismo como eixo central.

Ainda em relação ao comentário, quando o U6 menciona “sou empregada doméstica e babá”, percebemos que, mesmo a mulher inserida em um contexto em que a branquitude exerce mecanismos de exclusão, ela demonstra empatia ao enaltecer o casal pela conquista e pela coragem de enfrentar o racismo. Sua fala reconhece a importância de ações que desafiam o preconceito e promovem respostas efetivas a práticas racistas, agora passíveis de punições judiciais. Essa carência de reconhecimento e de visibilidade é um reflexo de uma realidade social mais ampla. Contudo, no caso de Tití, a notoriedade adquirida foi essencial para que outras vozes, como a expressa no comentário quatro, também encontrassem espaço para se manifestar.

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv](https://www.instagram.com/p/C_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv). Acesso em: 10 out. 2025.

Essa postura se manifesta porque, diante das camadas sociais em que está inserida, a usuária representa uma forma de resistência - assim como Títi. Ela tem propriedade de fala ao reconhecer sua condição racial e social, reivindicando de maneira consciente o direito de ocupar espaços historicamente negados às mulheres negras no Brasil. A partir dessa legitimação, compreendemos que o racismo não ocorre de maneira isolada, mas sim de forma estrutural. Ribeiro, (2019, p. 8-9) afirma que, para compreender essa realidade, é necessário adotar uma postura crítica e ampliar o olhar não apenas sobre si, mas também sobre o outro e sobre a sociedade como um todo. Dessa forma, surgem indagações e reflexões acerca do que significa ser negro no Brasil e dos desafios que envolvem a ocupação de um espaço pertencente aos grupos historicamente oprimidos. Na figura 5 detalhamos um pouco mais sobre as reflexões acima.

Figura 5 - Comentário 7



Fonte: @brunogagliasso e @gioewbank (2024).<sup>12</sup>

O comentário acima revela uma tentativa de reconhecimento das experiências do racismo, mas também mostra uma espécie de artimanha da branquitude na identidade racial ao usar o termo “moreno” em vez de negro, o que reflete o mito da democracia racial no Brasil e a dificuldade de autodeclaração negra. A fala do usuário também expressa a discriminação que se dá em diferentes espaços - família, escola e lojas -, demarcando não só o caráter estrutural, mas que também o racismo opera de forma institucional (Bento, 2022, p. 70-71). Ademais, menciona a classe social e a fé como fenômenos que atravessam essa experiência, indicando uma dimensão interseccional e religiosa. Assim, por um lado, o comentário expressa autoidentificação racial e, por outro, as contradições do discurso racial brasileiro. Então, é importante ressaltar que essas questões se fundem ou podem ser suavizadas a partir da classe social, posição geográfica, contexto midiático, influenciadores digitais e poder aquisitivo, nos quais são expressas de maneiras distintas. São condições que implicam na força, na repercussão e nos impactos com que o racismo pode ser reproduzido ou combatido, podendo, assim, ser silenciado, naturalizado ou até mesmo confrontado por seus usuários.

Logo, pode-se notar o pertencimento familiar quando o usuário cita “somos morenas”, “moramos” e “passamos”. Esse retrato mostra a realidade de muitas famílias que vivenciam a condição de vulnerabilidade social. Nesse contexto, as práticas racistas também se manifestam no campo midiático, como evidenciado nos comentários analisados, em que o racismo ganha força e visibilidade. Um exemplo disso é a rede social *Instagram* que, devido ao seu vasto público e ao grande número de acessos diários, torna-se um espaço privilegiado para a circulação e o debate de tais práticas discriminatórias. Trindade (2022, p.70) afirma de maneira contundente que as tecnologias, de um modo geral, é um espaço vasto, que possui a capacidade de (re)produzir o discurso de ódio e o racismo de forma repentina, devido a existência de um público diverso que através desse uso tecnológico massivo atinge todas as

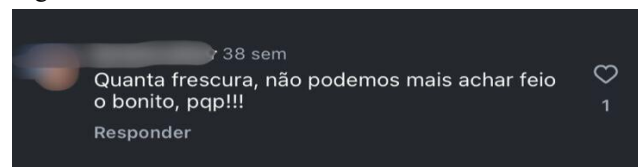
<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv](https://www.instagram.com/p/C_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv). Acesso em: 10 out. 2025

esferas sociais. Nesse cenário, é comum as pessoas aproveitarem esse espaço virtual para manifestar conscientemente a expansão de tais práticas que visam somente a subalternização dos negros.

### 3.3 “Quanta frescura, não podemos mais achar feio o bonito, pqp”: o enfrentamento e o confronto com a branquitude

O comentário subsequente foi extraído do perfil *@bandnews*, evidenciando mais uma manifestação de teor racista. O *post*, publicado em 23 de agosto de 2024, continha o seguinte enunciado: “Day McCarthy recebe a maior pena por racismo contra Tití, filha do casal Gagliasso”. A seguir, apresentamos o comentário em questão:

Figura 6 - Comentário 8



Fonte: *@bandnews* (2024).<sup>13</sup>

Ao analisarmos o comentário acima, percebemos a configuração de um discurso de ódio proferido por um usuário cuja imagem é de um homem branco, que perpetua práticas racistas por meio do seu posicionamento, de sua linguagem e da rede social *Instagram*, utilizando esse veículo midiático como forma de expor sua “liberdade de expressão”. Nesse sentido, Trindade (2022) aponta que a liberdade de expressão é frequentemente mobilizada para ocultar e proteger sujeitos que disseminam discursos de ódio. Além disso, tais indivíduos recorrem ao argumento de que a liberdade de expressão constitui um direito civil e que é sustentado pela garantia constitucional, para naturalizar e justificar ações racistas. Dessa forma, esses comentários injuriosos afetam diretamente a dignidade humana.

Identificamos que se trata de uma manifestação de racismo expressa de forma retórica, com o intuito de reformular o racismo dentro das limitações de apenas considerar “alguém feio”, como se o fenômeno atingisse unicamente essa camada lexical. Essa perspectiva desconsidera o reconhecimento de que o racismo sempre esteve - e continua - para além do que se pode delimitar, pois se constitui como uma construção social que, diariamente, se (re)configura e mantém vivas suas ideologias, espaços de poder e processos de dominação sobre o indivíduo não branco. Desse modo, a sociedade estabelece como padrão de beleza a estética do branco, associando o sujeito branco à ideia de bonito, enquanto o negro é considerado feio. Bento (2022, p. 106-107) ressalta que o branco é visto como referência universal, sinônimo de estética adequada, inteligência e normas de valores morais e sociais, configurando-se como o modelo eurocêntrico de beleza ideal. Por outro lado, indivíduos que não fazem parte dessa supremacia branca são percebidos como fora desses padrões estéticos, com características físicas desvalorizadas, o que leva à marginalização e à exclusão social da população negra.

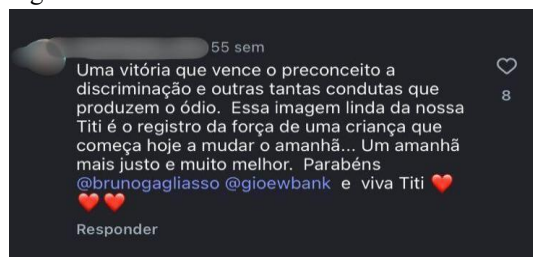
Na presente fala também é possível observarmos mais uma pessoa que o U7 utiliza do negacionismo para inverter os papéis, sugerindo que o ato ocorrido está sendo visto pela sociedade de maneira exagerada, como se o sofrimento da vítima fosse algo banal e que não há necessidade de reagir dessa forma. Ou seja, a utilização da expressão “quanta frescura” não

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BZvBtN72-/?igsh=MTJmNTVyYXJwOWlqOQ==](https://www.instagram.com/p/C_BZvBtN72-/?igsh=MTJmNTVyYXJwOWlqOQ==). Acesso em: 10 out. 2025.

só descredibiliza o crime de racismo, como também, tenta naturalizar e minimizar. Esse ato se assemelha com o que normalmente utilizam em suas falas o “mimimi”, se trata de uma colocação que tem como foco a tentativa de justificar que essas práticas são vistas sem relevância ou interesse moral e social.

Observamos que, ao final de sua fala, o usuário utiliza a abreviação “pqp”, indicando um tom agressivo associado a insultos ou palavrões. Nesse contexto, reforçamos a ideia de que a plataforma *online Instagram* se configura como um dos principais veículos de propagação e banalização do racismo, uma vez que os agressores se sentem impunes, aproveitando-se da liberdade de expressar preconceito sem sofrer punições. Portanto, a *internet* também se configura como um espaço minado que deixa em aberto essa dualidade de perigo e liberdade, fazendo com que o discurso de ódio se amplie como se fosse um “eco no espaço virtual” (Trindade, 2022, p. 86). Assim, os usuários utilizam essa tecnologia de modo que essas “armas” virtuais se potencializam contra a dignidade humana, especialmente do negro, reforçando o ciclo da branquitude e do racismo estrutural. Em seguida, o último comentário analisado nesta pesquisa encontra-se nos perfis @brunogagliasso e @egioewbank.

Figura 7 - Comentário 9



Fonte: @brunogagliasso e @egioewbank (2024).<sup>14</sup>

Dentre tantos comentários racistas, de teor ofensivo e que reforçam a branquitude, deparar-se com um homem branco sendo antirracista faz com que a justiça e a equidade se tornem um cenário de confronto ao assumir um posicionamento incômodo (Ribeiro 2019, p.20). O usuário desestabiliza aqueles que, nos comentários anteriores, centravam suas falas em discursos racistas e negacionistas. Dessa forma, ele não apenas enaltece a beleza de Tití, mas também percebe sua experiência como uma representação de vitória contínua contra o racismo, ao afirmar: “uma criança que começa hoje a mudar o amanhã... um amanhã mais justo e melhor”. Além disso, ele também ressalta que, assim como os responsáveis pelo racismo contra Tití foram judicialmente punidos, outras pessoas vítimas de discriminação racial também podem buscar justiça e reparação.

Conforme observa Schucman (2023, p. 30), pessoas brancas que têm consciência de seus privilégios, mas não agem a partir desse entendimento, não podem ser consideradas antirracistas. Para isso, é necessário adotar atitudes como as do usuário analisado: mesmo pertencendo ao grupo privilegiado por ser branco, ele se posiciona ativamente contra o racismo e os discursos de ódio, configurando-se em um processo de construção enquanto sujeito antirracista. Segundo Schucman (2023, p. 31), não nascemos racistas, tornamo-nos racistas ao longo da vida, a partir do contexto social, das ideologias, crenças, cultura e situações cotidianas que moldam os indivíduos. Em outras palavras, o racismo está presente na sociedade e frequentemente se manifesta primeiro no ambiente doméstico, expandindo-se para outras instituições sociais em um processo de influência mútua.

<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv](https://www.instagram.com/p/C_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv). Acesso em: 10 out. 2025.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, identificamos que o racismo se estrutura de forma profunda na linguagem e nas práticas comunicativas presentes nas mídias sociais. A rede social *Instagram* configura-se como espaços em que discursos de ódio, resistência e silenciamento coexistem, revelando a persistência de ideologias racistas historicamente enraizadas. A análise demonstrou que, embora a plataforma promova a pluralidade de vozes, ela ainda reproduz mecanismos de exclusão simbólica que legitimam a dominação da branquitude sobre a negritude, perpetuando uma lógica de poder que se sustenta na colonialidade do ser e do saber.

Nossa pesquisa obteve os seguintes resultados: 1] Um dos mecanismos de reprodução da branquitude é o discurso de ódio; 2] constatamos que a manutenção da branquitude e dos privilégios raciais permanece atuante, operando como um sistema de poder simbólico e material que sustenta desigualdades e exclusões; 3] as principais interseccionalidades encontradas foram raça, classe social e gênero: os comentários analisados evidenciam que o racismo não ocorre de forma isolada, mas que se articula com outras dimensões sociais, sendo elas a presença da desigualdade social entre pessoas negras e brancas; 4] As redes sociais também se revelam para nós como espaços ambíguos, marcados simultaneamente por violência e resistência. O Instagram configura-se como um ambiente paradoxal: ao mesmo tempo em que reproduz e amplia discursos de ódio, também acolhe manifestações de resistência e de conscientização antirracista.

Em seguida, analisamos a interseccionalidade como ferramenta teórica capaz de desvelar as múltiplas opressões que atravessam raça, gênero e classe. Essa abordagem nos possibilitou compreender que o racismo, além de ser um fenômeno estrutural, manifesta-se por meio de discursos de ódio, especialmente no ambiente midiático, onde a ausência de responsabilização das plataformas amplia a disseminação de práticas discriminatórias. Assim, compreendemos que a interseccionalidade evidencia as relações de poder e desigualdade que moldam os discursos racistas, exigindo uma postura crítica e política diante das violências simbólicas e materiais que atingem os sujeitos negros.

Refletimos também sobre a branquitude e seu papel central na manutenção dos privilégios e das hierarquias raciais. Observamos que ela se configura como um sistema de poder que naturaliza a posição de superioridade do branco, sustentando-se por meio de um pacto silencioso que reforça as estruturas de dominação. A análise dos autores que discutem o tema nos possibilitou compreender que a branquitude opera como dispositivo ideológico que legitima desigualdades e torna invisíveis as lutas negras, mascarando o racismo sob discursos de meritocracia e neutralidade.

Compreendemos que as práticas do racismo nas mídias sociais refletem as contradições da sociedade brasileira, em que práticas discriminatórias são relativizadas. As análises dos comentários no Instagram evidenciam como o racismo ainda é naturalizado e banalizado no cotidiano. Reafirmamos, assim, a urgência de desconstruir discursos que perpetuam o preconceito e de promover espaços de fala que valorizem as identidades negras. Diante disso, acreditamos ter respondido às questões de pesquisa e alcançado os objetivos propostos. No entanto, reconhecemos que o tema ainda demanda novos estudos e reflexões para fortalecer o debate sobre o enfrentamento ao racismo, com sujeitos comprometidos de forma ética, consciente e política na construção de uma sociedade mais justa, plural e verdadeiramente antirracista.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2630, de 2020**: Lei das Fake News. Brasília-DF. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 09 dez. 2025.

BRASIL. **Projeto de lei nº 2628, de 2022 (Substitutivo da câmara dos deputados) dispõe sobre a proteção de crianças e de adolescentes em ambientes digitais**. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=10029422&ts=1758663449878&disposition=inline>. Acesso em: 09 dez. 2025.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 2005. Tese (doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, F. GELEDES – Instituto da Mulher Negra. **“Lei 7.716/89: 25 anos de combate ao racismo”**. 12/01/2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lei-7-71689-lei-ca-25-anos-combate-ao-racismo/>. Acesso em: 18 out. 2025.

DAY MCCARTHY RECEBE A MAIOR PENA POR RACISMO CONTRA TITI, filha do casal Gagliasso. 23 ago. de 2024. Instagram: @bandenews. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BZvBtN72-/?igsh=MTJmNTVyYXJwOW1qOQ==](https://www.instagram.com/p/C_BZvBtN72-/?igsh=MTJmNTVyYXJwOW1qOQ==). Acesso em: 10 out. 2025.

HOJE A GENTE VEM CELEBRAR UMA VITÓRIA CONTRA O RACISMO. 23 ago. de 2024. Instagram: @brunogagliasso e @gioewbank. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv](https://www.instagram.com/p/C_BJTAGOZez/?igsh=Y2FkenR2ODdzZXBv). Acesso em: 10 out. 2025.

IBIRAPITANGA; SCHUCMAN, L. V. (orgs.). **Branquitude**: Diálogos sobre racismo e antirracismo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

LEITE, I. B. Prefácio. In: CONCEIÇÃO, W. L. da. **Branquitude**: dilema racial brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2020.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2006.



MOURA, C. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, nº 34, p. 28-38, ago/out. 1994. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/moura/1994/10/racismo.htm>. Acesso em: 30 mai. 2025.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. [s/ed.], Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

NINJA, Mídia. Day McCarthy recebe a maior pena de justiça brasileira por crime de racismo contra Titi. 23 de agosto de 2024. Publicado no perfil de instagram @midianinja. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==](https://www.instagram.com/p/C_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==). Acesso em: 08 out. 2025.

PAULO, R. B. *et. al.* Racismo e preconceito nas redes sociais digitais: pesquisa com estudantes do ensino médio. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 27, p. 01-21, maio de 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/360909066\\_Racismo\\_e\\_preconceito\\_nas\\_redes\\_sociais\\_digitais\\_pesquisa\\_com\\_estudantes\\_do\\_ensino\\_medio](https://www.researchgate.net/publication/360909066_Racismo_e_preconceito_nas_redes_sociais_digitais_pesquisa_com_estudantes_do_ensino_medio). Acesso em: 29 mai. 2025.

PODERES PRETOS. Day McCarthy recebe a maior pena de justiça brasileira por crime de racismo contra Titi. 23 de agosto de 2024. instagram: @poderespretos. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==](https://www.instagram.com/p/C_BR1Buv52l/?igsh=MTE2aXg4aGM4eWlxaA==). Acesso em: 08 out. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/36705797/PRODANOV\\_Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Cientifico](https://www.academia.edu/36705797/PRODANOV_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico). Acesso em: 20 mai. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina<sup>1</sup>. In: QUIJANO, A. **A Colonialidade do Saber**: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, W. A. **O racismo estrutural como condição de emergência para discursos de ódio em comentários do instagram**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2022. 66p.

TRINDADE, L. V. **Discurso de ódio nas redes sociais**. [S/ed.] São Paulo: Jandaíra, 2022. Disponível em: <https://archive.org/details/discurso-de-odio-nas-redes-sociais-feminismos-plurais-luiz-valerio-trindade/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 16 jun. 2025.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois no Senhor encontrei voz para escrever, força para permanecer e luz nos momentos de escuridão. A Ele, por me mostrar que, com fé, amor e dedicação, somos capazes de concretizar sonhos e enfrentar obstáculos, lembrando-me a cada passo que nunca estive sozinha. A cada semestre surgiam novos desafios, enfrentados com angústia, ansiedade e medo, mas o Senhor me amparou, ensinando-me a transformar dificuldades em força, a perseverar e a acreditar no propósito de cada esforço. “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios 16:3) me fez confiar no Seu tempo, reconhecendo que Seus planos são sempre maiores e melhores que os meus. Minha gratidão e amor por Ele são imensuráveis, pois sem Sua presença e luz constante nada disso seria possível.

À minha mãe, Maria Dalva Calixto, que, mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, me ensinou os mais valiosos princípios sobre a vida: caminhar com coragem, ter fé, dignidade e amor. A senhora sempre foi meu alicerce e minha maior fonte de inspiração, a referência de família que exerceu, com excelência, o papel de pai e mãe. Tenho profundo orgulho de ser filha de uma mulher forte, honesta, cheia de princípios e dona de uma alegria que não só contagia, mas renova as nossas energias e nos faz lembrar do quanto é bom viver. Minha vida, com certeza, não seria a mesma sem a senhora. Te amo a cada suspiro da minha vida. Esta conquista é nossa, pois sei que, antes mesmo desse sonho ser meu, ele já era seu.

Aos meus avós maternos, Pedro Raimundo e Dalvaci Calixto, que dedicaram os últimos 27 anos de suas vidas a serem pilares da minha formação como ser humano. Com amor, paciência e sabedoria, me ensinaram o valor da família, do trabalho e do amor ao próximo. Vocês são minha história, as pessoas em cujo olhar encontro brilho quando celebramos todas as minhas conquistas como se fossem suas. Amo vocês além desta vida.

À minha irmã, Erica Giany, o presente de Deus na minha vida. O Senhor sempre soube que eu precisaria do seu incentivo para me tornar professora e continuar acreditando em mim, mesmo quando eu já não acreditava. Parte do que sou devo a você, que faz parte da minha história, me guiando, encorajando e mostrando que eu sou capaz, e que as promessas de Deus estavam se cumprindo. Sou imensamente grata por ter você como irmã, amiga, parceira de profissão e de vida. Te amo infinitamente, e tenho certeza de que aquelas crianças sonhadoras que, no passado, se conheceram na escola, hoje sentem muito orgulho de tudo o que conquistamos juntas.

Agradeço a Deus, que, em Sua infinita bondade, me concedeu o privilégio de conhecer o amor de uma segunda mãe, Gilvanete Silva. Desde a minha infância, a senhora sempre esteve ao meu lado, presente em todos os momentos da minha vida. É minha fonte de admiração, exemplo de coragem e determinação. Sua força me inspira e me motiva a ser uma pessoa melhor a cada dia. Te amo, vida. Ressalto que o seu coração generoso me faz acreditar que o mundo ainda pode ser um lugar melhor, especialmente por existirem pessoas como a senhora.

À minha duplinha de faculdade e de vida, Márcia Gabriele, juntas enfrentamos lutas que só os nossos corações conhecem. Foram anos de parceria, prazos, escuta, acolhimento, risadas e muita fé. Sem você, tudo teria sido mais difícil, e hoje, mais do que nunca, sei que Deus já tinha um propósito em nossas vidas ao nos unir. Obrigada por segurar firme na minha mão, por ser a pessoa que eu tanto precisava. Viver essa jornada acadêmica ao seu lado tornou tudo mais leve, bonito e possível.

Também não posso deixar de agradecer ao meu grupo de amigas, turma de estudos e de longas conversas diárias, Ana Vitória, Adla Costa, Carla Emilayne, Milla Rayane e Tais Ferreira. Vocês foram meu colo nos momentos de correria e sobrecarga. A nossa união me fez ter a certeza de que, nesta vida, devemos contar com os amigos, pois eles são a parte boa da

vida. Juntas choramos, sofremos, aprendemos e, acima de tudo, fomos muito felizes. Sou imensamente grata por ter vocês, cada uma foi essencial para o meu equilíbrio emocional, e guardo com muito afeto nossas memórias felizes.

Aos colaboradores da UERN, Rita Gilcicleide e José Renato, o meu muito obrigada. Vocês são muito especiais na minha vida. Durante todos esses anos de graduação, recebi de vocês o melhor “bom dia”: nossos cumprimentos que sempre conteve amor, palavras de acalento, preocupação, incentivo e muita energia positiva para que eu chegasse até aqui. O sentimento que tenho por vocês criou laços que vão muito além da universidade. Amo vocês e obrigada por todos os dias, despertarem em mim os meus melhores sorrisos, compartilharem as melhores brincadeiras e me oferecerem os abraços mais sinceros.

Meu muito obrigada, as minhas amigas Joyce Priscila e Jhennfer Targino, minhas parceiras no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi ao lado de vocês que dei meus primeiros passos na docência. Sou imensamente grata, meninas, pois vocês foram essenciais para a construção de uma trajetória, marcada por aprendizados, experiências, afetos e inúmeros planejamentos. Amo vocês e fui muito feliz com toda a união, o apoio mútuo e a amizade que construímos, os quais tornaram cada etapa mais leve e significativa, deixando marcas que levarei comigo no meu coração.

Agradeço especialmente à minha professora orientadora, Dr<sup>a</sup> Aline Almeida Inhoti, que esteve ao meu lado durante todo o processo, ensinando, acolhendo e oferecendo apoio em cada etapa. Sua dedicação, gentileza, sabedoria e amizade foram essenciais para a realização deste trabalho. Ter a senhora como professora foi um verdadeiro privilégio e uma influência marcante em minha trajetória acadêmica e profissional.

Também expresso minha gratidão aos membros da banca examinadora, Dr<sup>a</sup> Luciana Fernandes Nery e Me. Willian Andrade Silva, pelo olhar atento, pelas valiosas contribuições e pelo compromisso com a educação. Vocês são exemplos de profissionalismo e grandes referências no meu caminhar pela educação.

Por fim, agradeço a minha família e amigos que me apoiaram e estiveram comigo ao longo dessa caminhada. Na Universidade, fui feliz, me encontrei enquanto pessoa e professora, e hoje tenho a certeza de que me tornei alguém melhor. Despeço-me desta etapa com a certeza de que plantei sementes que ainda irão florescer, e que acreditar em mim mesma me levou a lugares que nunca imaginei alcançar. O propósito é a força que nos guia e dá sentido à vida; que minha fé continue iluminando meus caminhos para os próximos voos.